

**O PRECONCEITO ÉTNICO COM OS AFRODESCENDENTES AINDA ESTÁ VIVO NA CONTEMPORANEIDADE?****Eliane Borges de Faria**E-mail: [elianeb@hotmail.com](mailto:elianeb@hotmail.com)

Neste estudo bibliográfico e de campo, buscou-se informações sobre o preconceito étnico vivido pelos afrodescendentes. A reflexão inicia pelas guerras Angolanas, passando por aspectos históricos africanos, além de relacionar os itens de um programa de formação de educadores, constituído pela História Africana. Finalmente, retoma a questão do preconceito e as diversas formas como ele está inserido na sociedade para compreender como uma comunidade quilombola o administra, em tempos de pós-modernidade. Além disso, o estudo resultou na percepção da origem do preconceito, que foi se expandindo no contexto brasileiro e sendo mantido pela própria história pelo fato de se ter omitido esses recortes históricos.

Palavras-chave: Afrodescendente, Currículo, Preconceito.

In this bibliographical study and of field, it was looked for information about the ethnic prejudice lived by the afrodescendentes. The reflection begins for the Angolan wars, going by African historical aspects, besides relating the items of a program of educators' formation, constituted by the African History. Finally, it retakes the subject of the prejudice and the several forms like him it is inserted in the society to understand as a community quilombola the administra, em times of powder-modernidade. Além disso, o study resulted in the perception of the origin of the preconceito, que it was expanding if in the Brazilian context and being maintained by the own history by attitudes of her to have omitted such facts.

Keywords: Afrodescendente, Curriculum, Prejudice.

**1. INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como finalidade mostrar um pouco da história da África e a maneira que ela está inserida no Brasil. Através dos povos quilombolas da comunidade Cocalinho, localizada no município de Santa Fé do Araguaia, pretendeu-se conhecer aspectos que caracterizam essa cultura, passados mais de cinco séculos.

Neste sentido, busca-se o resgate das origens brasileiras, no intuito de valorizar e respeitar o que os afrodescendentes aqui edificaram traduzidas nas diversas contribuições dos povos africanos, que passaram a integrar a cultura brasileira. Apesar de ser evidenciada uma aversão à história da escravidão, a verdade é que os negros trouxeram e deixaram, sim, marcas de sua cultura e conhecimentos na composição da cultura nacional. Diante desse contexto, busca-se com este trabalho uma forma de conscientizar a todos e de maneira particular os professores e alunos a resgatarem e respeitarem os valores culturais trazidos pelos negros para este país. Procurando recontar a história tal como ela é, de maneira clara, para que o aluno possa conhecer melhor suas origens e respeitar os seus colegas afrodescendentes, pois querendo ou não, todo brasileiro tem sangue crioulo, conforme afirma a cantora Sandra de Sá na interpretação da música Olhos Coloridos.

Pode-se perceber que existem várias manifestações que comprovam a existência de

discriminação racial em relação aos negros na sala de aula, é que a discriminação racial e o racismo aparecem de diversas maneiras, ocultas ou não. Muitas vezes isso ocorre devido ao sistema educacional não estar preparado para oferecer elementos positivos de identificação dos alunos negros com o próprio cotidiano escolar como também na escolha de conteúdos programáticos, livros didáticos, textos e músicas que, em certas ocasiões, podem provocar distorções e estereótipos étnicos.

Portanto, espera-se que através deste trabalho possam ser revistas as diferentes formas de preconceitos existentes na sociedade brasileira, inclusive na escola, tendo em vista a nova Lei de Diretrizes e Bases, 10.639/2003 que inclui no currículo oficial de ensino a obrigatoriedade de estudo da temática História e Cultura Afro-brasileira.

A acrescentar, de acordo com Munanga (2001, p.9), o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessam apenas aos alunos de ascendência negra. Interessam, também, aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente a branca.

Enfim, conclui-se que, através da educação se possa oferecer tanto aos jovens como aos adultos, a possibilidade de discutir e desfazer os mitos de superioridade entre os diversos grupos humanos da sociedade. Embora muitos acreditem que para o preconceito não exista cura, há ainda alguns autores que contrariam essa idéia.

Munanga (2001, p.9), ratifica afirmando que, não existem leis no mundo que sejam capazes de erradicar as atitudes preconceituosas existentes nas cabeças das pessoas, atitudes essas provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas.

Fica, pois, claro que se vê na educação uma das maneiras de mudar este conceito, cabe, portanto aos professores inserirem no seu currículo as principais atitudes de mudança, pois no ambiente escolar ocorre o crescimento, amadurecimento e socialização do educando, e é no processo de ensino e aprendizagem que existem as trocas de experiências, idéias, aprendizagem de valores éticos, culturais e de respeito. Criar, um ambiente de convívio escolar pode amenizar e reduzir os conflitos raciais, construindo uma imagem positiva do negro e contribuindo para o aumento da auto-estima do afrodescendente.

## 2. AS GUERRAS ANGOLANAS

Segundo Souza (2006, p.68, 70,71), no Antigo reino de Congo, atual Angola, portugueses e nativos interagiam de maneira original, mantendo uma relação afrocatólico, que durou do século XVI ao XX. Porém, ao sul, deste território, precisamente na Ilha de Luanda, os portugueses conseguiram se enraizar, penetrando de vez no continente africano.

Nessa ocasião, a rainha Jinga, lutou muito contra a penetração forçada da coroa portuguesa no território africano, foi uma verdadeira líder de resistência, lutando em defesa do seu povo, ela afastou e aproximou os portugueses, porque vez ou outra teve que variar sua posição, fornecendo escravos para os mercados portugueses, em troca, eles lhes abasteciam o reino.

A partir daí, começaram as guerras de resistência do povo africano para defenderem seus interesses já que se sabia da intenção dos portugueses, que era explorar e saquear as riquezas da África como os metais preciosos, o cobre a prata e além de manter o comércio escravo.

Embora, a resistência dos africanos tenha sido grande, mesmo assim os portugueses e europeus conseguiram se infiltrar e ampliar sua atuação e dominação no continente. Isso explica a revolta dos africanos, pois suas terras foram invadidas e o seu povo escravizado, como se sabe, os portugueses e os europeus os utilizavam nos transportes, nos serviços domésticos e na agricultura.

Assim, formou-se uma nova sociedade Angolana, fruto da presença colonial portuguesa e européia e das tradições africanas, o que resultou no

aumento de pessoas escravizadas, porque esse povo mantinha em Angola, uma colônia de exploração agrícola e mineral, o que levava ao tráfico e comercialização de escravos.

## 3. HISTÓRIA AFRICANA

Escrever sobre a História da África não é tão fácil quanto se imagina, porque as idéias a respeito são pré-concebidas, como afirma Benjamim (2005, p.3). Quando se fala sobre os afro-americanos, isto é, os descendentes de africanos nascidos nas Américas, consideram apenas uma África mítico-fabulosa, exemplo desse miticismo é a Aruanda, que é referida nos cantos religiosos populares uma entre muitas tradições culturais africanas, que cuja memória relembra o tempo do tráfico de escravos e que foram repassados de geração a geração.

Há ainda outra visão negativa, é a de uma África selvagem, difundida pelos europeus desde as grandes navegações, no século XV, onde a primeira intenção era de consolidar o tráfico de escravo e depois invadir o território africano e saquear suas riquezas. E essa visão que se tem da África, foi transmitida através da literatura e do cinema, a de uma África de Tarzan, cheia de animais selvagens e canibais; a outra imagem é a de uma Legião Estrangeira, do Xeiique de Agadir, de saqueadores de caravanas do deserto, oásis e haréns com odaliscas.

Essas são “as Áfricas” que muitos conhecem sem cultura e sem história, e que precisam ser desmistificadas e esquecidas, pois o imenso continente Africano apresenta inúmeras condições geográficas, cada uma mais diversificada que a outra, as quais inspiraram a ocupação humana e cooperação para uma grande diversidade cultural. Podem-se justificar os mitos a respeito da mesma, uma das maneiras é sabendo que os desertos e florestas dificultaram grandemente o contato entre os povos dispersos no continente, cujo isolamento se associa às variedades culturais da África, em cada região. É importante lembrar, que os africanos se mantiveram isolados não só entre si, mas também dos demais povos dos outros continentes durante séculos, com algumas exceções, os povos dos litorais do Mediterrâneo e do Oceano Índico. Alguns tiveram contato com os europeus e asiáticos somente a partir do século XV e outros por volta do século XIX, mesmo assim, existem ainda, regiões que nunca estabeleceram relações entre si. Por isso, a existência de uma história particular de cada povo, cada região, comunidade e cada império.

No entanto, o muito que se sabe da história da África é através dos registros escritos, e para muitos estudiosos, esses registros são escassos e alguns têm valor duvidoso. (BENJAMIM, 2005, p.3).

Quando houve o processo de descolonização da África, foi iniciado um trabalho universitário de resgate da história, tanto através de fontes escritas que se achavam dispersas, como através da metodologia de história oral, ou seja, a coleta de depoimentos de integrantes dos diversos povos sobre sua história, sua literatura tradicional e sua cultura de modo geral. Esse trabalho tem o apoio da UNESCO desde 1965, e o que se conseguiu até hoje com esses estudos, foram documentos escritos coletados em histórias orais e que tem se apoiado em outras ciências técnicas como a Linguística, Antropologia Física, Arqueologia e outras.

Historicamente foram muitos os preconceitos criados em relação a esta parte do mundo. Ainda no período de colonização os cristãos europeus formularam idéias absurdas e preconceituosas do povo e do território africano. Dentre vários exemplos que se pode citar é a questão da localização geográfica, o continente africano está ao sul do continente europeu, em uma região tropical com elevadas temperaturas, como caracterizavam: “calor dos infernos”, portanto, seus habitantes eram considerados seres estranhos e inferiores.

Assim, os europeus usavam de todos os artifícios para explorar o povo e as riquezas dessa localidade. Como se sabe, a colonização não levou nenhum benefício aos africanos, ao contrário, usurparam de suas riquezas, despovoaram regiões com a retirada em massa de africanos para serem escravizados na América.

Os colonizadores, buscando atingir seus interesses econômicos e políticos próprios criaram fronteiras artificiais que não respeitavam as diferenças étnicas, culturais e sociais dos povos africanos e ignorava principalmente o seu direito à liberdade e às terras onde viviam.

Foi um processo insano e desastroso, onde resultou na vitória do europeu. O subdesenvolvimento atual na África é resultado dessa invasão criminosa que extraiu suas riquezas, dizimou e exportou sua população.

Parafraçando Benjamim (2005, p.4), sabe-se, que a África faz parte de um dos cinco continentes e apresenta uma vasta variedade de paisagens. É cortada pelo Equador e pelo Meridiano de Greenwich, por isso é considerada o centro do mundo. Existe também uma quantidade grande de florestas no continente africano que se localizam ao longo da faixa equatorial, o que

corresponde ao clima quente e úmido com variações anual de temperatura que não ultrapassa 6°C, há também presença de chuvas com frequência. Por apresentar um ambiente de calor e umidade, a África possui um dos maiores complexos de vegetação do planeta, exemplo disso, são os grandes lagos, como o Vitória 4624.000Km o Niassa, o Congo antigo Rodolfo, o Tangânica e o Malauí, além das nascentes do rio Nilo, existe ainda na região oriental da África algumas das maiores cachoeiras do mundo.

Na África, encontra-se o maior deserto do mundo, “Saara”, localizado ao norte e com uma extensão de 7396.0000Km, o que corresponde aproximadamente ao tamanho do Brasil. Além do mais ele se estende pelo território de dez nações: Argélia, Chade, Egito, Líbia, Mali, Marrocos, Mauritânia, Níger, Tunísia e Sudão. Uma parte do Saara é cortada pelo rio Nilo e habitada, sobretudo, por povos nômades. Há, ainda, fora o Saara, o deserto do Kalahari, cujo mesmo está localizado na África Meridional, com cerca de 250.000Km, cobrindo 70% do território de Botsuana e partes do Zimbábue, Namíbia e África do Sul. Diferente do Saara, o Kalahari, não dispõe de águas de superfícies permanentes. Há, porém, vales secos de rios intermitentes sazonais que inundam algumas, depressões. Os habitantes deste deserto foram nômades que se tornaram sedentários por determinação do governo de Botsuana.

No entanto, uma das maiores minas de diamantes do mundo se encontra no Nordeste do Kalahari, ao contrário do que se pensa a respeito do continente africano, julgando ser um lugar seco, de desertos e de pobreza, existem na África além do Rio Nilo outros grandes rios como: Senegal, Gâmbia e o Volta. Agora, não se pode negar que há, sim, regiões realmente muito pobres e abandonadas pelas autoridades, e sabe-se o porquê, mas isso não quer dizer que o continente é de todo ruim e desmerecedor de admiração e respeito. O que se vê na África é o que acontece também aqui no Brasil, ou em qualquer outro país de terceiro mundo, ambos são países riquíssimos em diversos aspectos sociais, o que falta mesmo, é ter uma política de igualdade social, responsável e justa, voltada para o bem-comum e para o desenvolvimento do país.

Mesmo assim, é impossível acreditar, como um país pode ser rico e pobre ao mesmo tempo. O que se sabe é que o continente africano é rico por natureza. Na África se encontram grandes quantidades de recursos minerais como ferro, diamante, bauxita, além de vegetais e animais, por isso a incógnita acima.

O que falta à África é à disposição de recursos para explorá-la, o que se percebe na omissão de uma

política pública empreendedora e responsável acima de tudo. Que saiba aproveitar esses recursos com a finalidade de promover o bem-estar econômico e social da população local.

Com isso, alguns países privatizaram suas minas como as jazidas de bauxita da Guiné e as minas de cobre e cobalto do Congo e da Zâmbia. E essas exploradoras multinacionais européias, norte-americanas e sul-africanas continuam a investir na exploração mineral, pois na falta de uma política séria no continente africano explica-se às atitudes dos europeus que no decorrer dos últimos séculos concentraram-se na África, transformando-a em reservatório colonial de minérios bruto para alimentar o crescimento das indústrias européias, (BENJAMIN, 2005, p.9).

Em relação à saúde, os povos africanos tinham e ainda tem certo conhecimento médico, fruto da observação, da experimentação e da utilização dos recursos naturais. O que para os africanos, são tradições seguidas desde a antiguidade, onde a medicina egípcia dos faraós serviu de base ao conhecimento médico e aos sistemas de tratamentos de saúde em Roma e em toda a Europa.

A visão do povo africano sobre o valor medicinal das plantas tem levado médicos e pesquisadores de formação nas ciências a desprezarem a sabedoria tradicional deste povo. Mesmo assim, os saberes da medicina africana foram trazidos pelos escravos para as Américas, incorporando também parte da sabedoria indígena. E esses saberes permanecem até os dias atuais, tanto nas comunidades Quilombolas, como nas práticas médicas-religiosas das religiões afro-brasileiras.

Tratando-se de relações interétnicas, o povo da África tem convivido com estes problemas desde a antiguidade, porém, os problemas atuais, surgiram a partir da invasão e ocupação do continente pelos europeus, por volta de século XIX. Com isso, veio a submissão política, administrativa e econômica, processo pelo qual inclui a difusão do cristianismo e a instalação de colônias européias nas terras mais férteis da África, onde o povo africano tornou-se estrangeiro em seu próprio território, através da dominação dos europeus.

Compreende-se então, que além das afirmações acima, mais uma das causas dos problemas de relação inter-étnicas, está presente na, “divisão política do continente africano, herdada do regime colonial, com fronteiras definidas por critérios geográficos e não étnicos, hoje responsável por inúmeras dificuldades inter-étnicas e pela maioria dos conflitos e guerras civis”. (BENJAMIN, 2005, p.23).

#### 4. QUILOMBOS

Segundo alguns historiadores, a palavra quilombo vem das línguas Congo-Agolanas, que significa “acampamento na floresta”. Benjamim (2005, p.97), afirma que o mais antigo desses refúgios refere-se ao Quilombo de Palmares, que chegou a ocupar uma grande área da zona da mata de Alagoas e sul de Pernambuco. O quilombo de Palmares durou cerca de 70 anos, e estima-se que tenham passados por lá quatro gerações e que o mesmo fosse anterior a 1630.

Em “Reescrevendo a História” cartilha da comissão estadual contra a discriminação racial da CUT/SP pode-se compreender que a questão da escravidão não tem sido uma história contada tendo como suporte a verdade. Onde o negro é visto simplesmente como uma testemunha muda de uma história ou como uma espécie de instrumento passivo.

Diante deste relato, fica explícito, a mais pura forma de racismo da época, em que o negro não é tido como um ser capaz e considerado instrumento ativo na sociedade. Mas a verdade é que muito embora não se admitam o valor das contribuições de negro no Brasil e não se assuma uma visão crítica e autêntica de sua realidade, mesmo assim, o negro sempre foi um componente dinâmico na decisão de seu destino.

Desde que os africanos chegaram à América, mostraram certa independência política e cultural e muita dignidade. Muitos não aceitaram passivamente a condição injusta de escravizados, explicitando sua coragem e valentia contra o sistema escravista europeu. Lutaram, então, por justiça, liberdade e dignidade. Os Quilombos foram símbolos de resistência à escravidão e organização política, social e cultural da população negra.

Eram vários os Quilombos, mas o maior deles foi o de Palmares, aonde chegou a existir cerca de 20 mil habitantes, em sua maioria negra, pois ali também se refugiavam brancos pobres e índios. Tendo em vista o Quilombo dos Palmares ser o maior, ele era tido como uma Confederação, ou seja, a reunião e organização dos demais, tendo como chefe comum o Mocambo Zumbi. A cartilha trata ainda da organização religiosa dos povos de Quilombos, onde era conservado por eles, o cristianismo sincretizado com valores religiosos africanos.

Percebem-se ainda, como os negros procuravam preservar suas origens e valores culturais, passando isso às novas gerações. Os casamentos dos mesmos eram baseados na poligamia e a economia era à base de agricultura e policultura, onde eram realizadas duas colheitas durante o ano, e o que excedia da produção era repassado ao “Estado”, como forma de

garantir a defesa do sistema de segurança dos Quilombos.

Enfim, em Reescrevendo a História, nota-se como os negros eram organizados e obedeciam a uma lei maior vigente naquela comunidade de quilombos, onde todos trabalhavam em busca do bem-comum, pois a solidariedade e a cooperação eram traços marcantes das características desses povos. Todos eram tratados iguais, os costumes eram valorizados e não existiam vadios e nem exploradores. E com o trabalho cooperativo e solidário houve grande aumento na produção dos quilombos.

Os Quilombos eram protegidos por um exercito comandado por Ganga-Muiça, as armas eram arcos, flechas, lanças e algumas armas de fogo tomadas das expedições punitivas ou até mesmo compradas. Mas, nem tudo é perfeito nesta vida, segundo contam os autores, houve um suposto traidor, o então rei de Palmares Ganga-Zumba, que fechou um acordo revoltoso com os portugueses, pondo em risco a vida dos habitantes daquela comunidade quilombola. Foi então, que Zumbi um jovem guerreiro percebeu a armadilha dos portugueses e assumiu o poder, e Ganga-Zumba foi executado.

Portanto, pode-se afirmar que Zumbi foi um grande líder que defendeu seus descendentes, seu povo até a morte. Foi então destruída a República de Palmares, mas os sonhos de uma sociedade justa e igualitária vivem até hoje, dentro de cada negro, pois “os sonhos que alguns brancos possuem e todos os negros têm, foi vivido na República de Palmares de maneira fraterna e plena, onde homens, mulheres, e crianças brancas, negros e índios puderam dar exemplo da capacidade de um povo em resistir, viver e morrer pela liberdade”.

Em 1978, o movimento negro instituiu o dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra (quando ocorreu à morte de Zumbi dos Palmares, assassinado em 20 de novembro de 1695).

Quilombo de Palmares é o marco, maior da luta do povo brasileiro contra injustiças e serve ainda, como símbolo de novos ideais políticos. Comemorar o Dia Nacional da Consciência Negra é ter o compromisso de combater as desigualdades raciais que vitimam a população negra brasileira. É o momento de se pensar na realidade nacional, de buscar mudanças, de construir ideais de cidadania, como base de uma sociedade mais humana, solidária, justa, igual e livre.

## 5. PRECONCEITO

Segundo Buarque de Holanda (1991 p.588).

Preconceito é uma forma de conceito pré-definido antecipadamente e sem fundamentos razoáveis, ou seja, são opiniões formadas sem nenhuma reflexão aplausível, sobre uma determinada pessoa, grupo de indivíduos ou povo. É, no entanto uma aversão a outra raças.

De acordo com as pesquisas realizadas, o racismo e o preconceito têm sido no Brasil, as causas da marginalização, pobreza e exclusão de grande parte dos afrodescendentes que, muitas vezes, são vítimas da discriminação racial no trabalho, nos meios de comunicação, na escola e até mesmo nas abordagens policiais.

O preconceito faz parte do processo de socialização passando de geração a geração. É extremamente difícil extirpá-lo do pensamento das pessoas, porque se convivem com idéias preconceituosas. De acordo com os autores: Borges e Jacques d'Adesky (2002, p.53), “o preconceito está enraizado em todas as culturas balizando as relações que cada uma delas estabelece com as outras e muitas vezes justificando o tratamento desigual e a discriminação de indivíduos ou grupos”.

Desde suas primeiras Constituições, o Brasil adota princípios constitucionais e legislações que proíbem a discriminação racial. A idéia de que todos são iguais perante a lei significa que todas as pessoas devem desfrutar das mesmas oportunidades. Até 1988 a discriminação racial era tratada como mera contravenção penal – uma prática penal considerada menos grave do que crime.

Nos dias atuais, existem leis que punem severamente o preconceituoso, já que o preconceito é considerado crime imprescritível, (pode ser punido a qualquer tempo). Além disso, foi feita uma alteração na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nº 9394/96, onde a mesma passa a vigorar acrescida dos Artigos, 26ª, 79ª e 79b da nova Lei 10639/2003 de 09 de janeiro de 2003, deixando claro no Art.26ª que, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Procurando desta maneira resgatar a cultura negra brasileira, mostrando à sociedade a grande contribuição deste povo, nas diversas áreas como: social, econômico, política e cultural.

Diante do exposto, fica claro que embora não se tenha admitido pela população brasileira e pelos grandes historiadores, o negro tem sido sim, um grande guerreiro e construtor de uma história sofrida mais

cheia de grandes lutas e anseios de liberdade e de vida digna para todo o seu povo. E além do mais, ele tem muito a contribuir ainda com o desenvolvimento do país.

Portanto, a partir desta mudança na Lei de Diretrizes e Bases, espera-se que realmente venha a resgatar os valores da cultura dos afrodescendentes à sociedade, e quebrar as barreiras do preconceito de que negro não é “capaz”, negro é “bicho preguiçoso” e lugar de negro é na favela ou na senzala.

Enfim, querendo ou não admitir, o povo brasileiro é fruto da cultura afrodescendente, tendo no sangue as origens desse povo, que anseia por justiça e liberdade de expressão, que busca através da arte, da música, da dança, e das religiosidades expressar seus ideais, conhecimentos e cultura. Acredita-se, ainda, que através da educação essa realidade racista e preconceituosa venha pelo menos ser amenizada, pois se deseja que ao conhecer melhor a verdadeira história do negro, suas contribuições ao desenvolvimento da sociedade brasileira, consiga-se mudar as várias maneiras de pensar e agir de muita gente neste país, e isso deverá começar pela escola.

É importante ressaltar que o conhecimento erudito desde o período colonial foi baseado no modelo europeu, onde as disciplinas ministradas eram de importância segundo visão européia. Sendo assim, a cultura e a história da África ficavam de fora do currículo escolar, pois de forma preconceituosa, consideravam que os povos africanos não tinham conhecimentos importantes para serem repassados. E assim, perpetuou-se nos livros didáticos durante longos e longos anos. Ressalta-se, hoje, a importância e a necessidade de resgatar e reconhecer a história e a cultura afro-brasileira. Os livros didáticos e paradidáticos estão sendo reformulados para enfatizar essa temática de grande relevância para a educação, buscando-se conhecer as raízes que fazem parte da identidade do povo brasileiro.

Como já afirmara Sant’Ana (p.32) citado por Munanga em “Superando o Racismo na Escola”

Todos nós sabemos que o racismo é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência de que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. “E a postura crítica do professor diante dessa luta e denuncia é de fundamental importância”.

É preciso superar estas injustiças, é necessário o compromisso da sociedade com ações que promovam a igualdade e rompa com todas as formas de preconceitos para se construir uma sociedade onde prevaleça a dignidade humana e a democracia racial.

## 6. FORMAS DE PRECONCEITO

Quando se fala de preconceito, a primeira imagem que cultua a mente de muitos, é a do negro. É a visão distorcida da história desse povo, é a aversão à cor da sua pele, de sua cultura, de religiosidade e de suas crenças. Esse conceito discriminatório segundo Cunha Junior (apud Muniz, 2007) que ainda “persiste hoje, decorre exatamente da omissão da história dos imigrantes africanos, pois as informações sobre o passado africano são escassas, com conotações racistas. Daí a história ser desfavorável à percepção igualitária e cidadã dos afrodescendentes”.

Mas, é importante salientar que muito, já tem sido feito para mudar ou ao menos resgatar a história, porém não o suficiente para erradicar totalmente do pensamento das pessoas atitudes veladas ou explícitas de diversas formas de preconceito existentes ainda na sociedade. Acredita-se que aos poucos essas atitudes serão escassas, e que se introduzirá no pensamento das pessoas um sentimento de compaixão, vergonha e aversão às formas preconceituosas. Sendo utopia ou realidade busca-se acreditar nisso, pois o negro como outros integrantes de seguimento de discriminados, são seres humanos e merecedores de respeito e dignidade como qualquer outro cidadão.

Mesmo assim, não se pode negar que, em pleno século XXI são inúmeras as formas de preconceito que coexistem nos dias atuais. Allport (1954), afirma que: o preconceito pode ser definido como uma atitude hostil contra um indivíduo, simplesmente porque ele pertence a um grupo desvalorizado socialmente. Portanto, percebe-se diante da afirmação do autor, que por existirem vários grupos considerados desvalorizados socialmente o fato de se ter tantos tipos de preconceitos nas estruturas da sociedade como:

Preconceito social - que é toda e qualquer forma de preconceito é, portanto o conjunto dos demais é a visão de que rico e pobre não se misturam, mulher tem que ser submissa ao homem, lugar de mulher é na cozinha, homossexual e lésbica têm que ser exterminado e negro e índio não são gente.

Preconceito racial - manifestado principalmente pela cor da pele, onde o branco se considera melhor do que o negro e vice-versa, visto também nas questões de inferioridade e superioridade, onde o mais forte subestima e trata o mais fraco como mercadoria.

Preconceito lingüístico - é aquele relacionado ao padrão de língua que se fala, ou seja, determinada pessoa sente-se superior pelo fato de falar “mais bonito”, o mesmo é visto ainda diante dos sotaques dos nordestinos, gaúchos, paraenses e cariocas.

Preconceito religioso - é o tipo de preconceito visível nas religiões, onde se destaca ou daquela religião, torna-se a pessoa melhor, enaltecida e digna de todos os propósitos de Deus. Levando-as, terem atitudes arrogantes e obstinada a escravizar as outras pessoas com pensamentos de “amor, ódio e pecado”.

Preconceito espiritual - é o que existe em muitas igrejas, devido se acreditar que se usar saia curta, pintar e cortar os cabelos são impuros e irreverentes, é, portanto a forma de preconceito onde muitos crêem serem os donos da verdade.

Preconceito intelectual - visto principalmente diante das escolhas, dos pensamentos e na opção sexual de alguém.

Enfim, são várias as formas de preconceito, e essas manifestações são pensamentos pejorativos de alguém contra alguém, e ao que lhe é diferente. E tudo isso é lamentável, porque atitudes como estas não deveriam existir mais, à medida que cresce o nível de conhecimento e desejos de uma sociedade justa, digna e igualitária para todos.

Portanto, é hora de dizer chega à discriminação, chega de aceitar que no Brasil o racismo e o preconceito se caracterizam por atitudes de “polidez e cordialidade”, ou até mesmo afirmar que brasileiro não é racista e muito menos preconceituoso.

Parafrazeando Turra e Venturi (1995), pode-se perceber que este tipo de preconceito tido como cordial no Brasil, nada mais é que uma maneira de se esquivar da aceitação de que o país é extremamente racista e preconceituoso. São atitudes revestidas de “polidez superficial, mas que no fundo é percebido nos comportamentos discriminatórios, expressos nas relações interpessoais, através de piadas, ditos populares, músicas, literatura, dos livros didáticos, relacionamentos (casamentos), seleção de empregos e brincadeiras de cunho extremamente racista”. Todavia, é correto dizer que de cordial o racismo e o preconceito no Brasil não têm nada, o que se vê nada mais é, que um cenário de discriminação e exclusão das pessoas negras.

## **7. HISTÓRIA AFRICANA NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES**

De acordo com Cunha Junior (1999), vê-se indispensável um programa de formação para educadores a partir da História Africana, cujo mesmo possibilitará uma melhor compreensão da participação material, cultural e intelectual dos africanos e afrodescendentes na sociedade brasileira, evidenciando

não só a contribuição africana à cultura do Brasil, mas a sua participação.

Pretende-se ainda, mostrar de forma clara a visão equivocada que se tem do europeu, dando a estes adereços desmerecidos, porque é sabido que estes não tiveram méritos merecidos, a não ser o de invadir e saquear a África produzindo no continente o atraso, onde a idéia não era diferente aqui no Brasil. O ideal desse povo era apenas as riquezas e não o desenvolvimento, e para isso, usaram forçadamente o africano como escravo para o trabalho de exploração, lembrando que os mesmos tinham um vasto conhecimento no cultivo, habilidades com ferro e outros metais.

A guisa de arremate, a partir desse programa buscar-se-á desmascarar o eurocentrismo no Brasil, que por sua vez nada mais é, que uma forma preconceituosa e racista, enraizada no corpo e mente do brasileiro desde o Brasil colônia.

Como afirma Munanga (2001, p.7):

Somos produtos e uma educação eurocêntrica e que podemos, em função deste, reproduzir consciente ou inconscientemente os preconceitos que permeiam nossa sociedade.

Porém, espera-se que atitudes preconceituosas venham a ser extintas do convívio social, cultural e intelectual das pessoas, a partir de um estudo mais amplo e específico das suas origens, onde se procurará demonstrar isso neste programa de formação para educadores, partindo do contexto histórico africano. Visando desta forma a valorização e respeito a esse povo e aos afrodescendentes. Tendo, ainda, o respaldo da Lei Nº 10639/2003 que acrescenta ao currículo oficial de ensino o estudo da temática História e Cultura Afro-brasileira, cresce a expectativa da exclusão do preconceito.

Segundo Cunha Júnior (1999), “o programa é previsto para uma carga horária de 60 horas. Afirma ainda que o programa, em diversas ocasiões é oferecido numa forma simplificada com tempo de duração entre 30 a 40 horas para ser desenvolvido numa semana de curso intensivo”.

Na seqüência, apresenta-se o programa – História Africana na Formação dos Educadores, expresso nos escritos de Cunha Júnior.

O autor traz na sua produção sobre História e Cultura Afro-brasileira uma relação seqüencial sobre a História da África, em um importante programa para integrar esse estudo.

No programa, são abordados blocos de estudos como:

-Geografia Africana; África, o berço da Humanidade; A unidade Cultural Africana; África Ocidental e Austral; As Culturas Bantas e Filosofia Bantu e a História da Arte e da Arquitetura Africana.

## 8. CONCLUSÃO

O estudo da história africana traz a possibilidade de mostrar aspectos não enfatizados no currículo escolar brasileiro e a omissão de tais fatos até pode ter contribuído com a formação da ideologia do preconceito, uma vez que a imagem do africano, apresentada pela escola, encontra-se colada no Brasil Colônia.

Num percurso cronológico da África ao Brasil, apresentam-se os Quilombos, significando a resistência à opressão sentida pela população escrava. Foram destruídos os Quilombos, mas as idéias de liberdade permaneceram vivas até a abolição.

Desde então, vê-se a pessoa dessa descendência nascer e viver num país em que muitos de seus compatriotas a olha como se fosse estranha. E o preconceito instalado vai perpassando os séculos, chegando aos tempos atuais. Nesta abordagem, conferiu-se que o preconceito, embora mais freado, em decorrência de mecanismos legais, culturais, ainda existe. São inúmeras as iniciativas e os movimentos contra as manifestações de preconceito, mas conclui-se que ele só será extinto quando o próprio afrodescendente conseguir administrá-lo de forma que ele não mais lhe traga sofrimentos e que não mais se apresente como obstáculo para a sua inserção no contexto sócio-econômico-político e cultural.

O preconceito que se mostra com muitas faces, tais como, social, lingüístico, religioso, espiritual e intelectual, quando é percebido num contexto em que o negro se encontra fica mais intenso. O preconceito étnico com o afro-brasileiro é cultivado veladamente nas famílias descendentes de outras etnias e nas escolas, que permitem que ele se expresse, não tendo preparação para extirpá-lo.

Somente concordando com Munanga (2001, p.9), poder-se-a, iniciar um novo tempo de extinção geral do preconceito, que é atacá-lo a partir da educação. Enquanto isso, o preconceito só vai sendo eliminado, paulatinamente quando o sujeito da história possuir maturidade, conhecimentos e zelo à causa desse brasileiro, contra o preconceito, conseguindo administrá-lo por inteiro, sendo ou não afrodescendente.

Uma forte parceria nesta pretensão é introduzir a História Africana na formação dos educadores e a

inclusão de conteúdos redimensionados sobre o assunto, no currículo escolar dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## 9. BIBLIOGRAFIAS

CUNHA, Henrique Júnior. **A História Africana na Formação dos Educadores**. Cadernos de Apoio ao ensino. UEM, N° 6, Abril 1999.

SOUZA, Marina de Mello E. **África e Brasil africano**. São Paulo: Ática, 2006.

CAVALCANTE, Tânia Maria Ribeiro. **Trabalhando a Diversidade Étnico-Racial**. Palmas: Massa edições, 2005. Email: [taniamr@educ.to.gov.br](mailto:taniamr@educ.to.gov.br)

BORGES, Edson *et al*; **Racismo; preconceito e intolerância**, São Paulo: Atual, 2002.

Reescrevendo a História – **Cartilha da Comissão Estadual Contra a Discriminação Racial** – CUT/SP. Editado e impresso pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região – CUT, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na Escola**. 3ªEd, organizador. \_ [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. 2001.202p. II.

<http://pt.Wikipedia.org/wiki/preconceito-social>

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue>

[/2004/09/290721.shtml](http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2004/09/290721.shtml)

<http://www.obrasilparacristosp.com.br/modules.php?name=news&file=article&side=780>

ALLPORT, G.W. (1954). **The nature of prejudice**. 3.ed. Wokinghan: Addison – Wesley

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós: História e Cultura Afro-brasileira**. João Pessoa – PB: Grafset, 2005, p.184.

TURRA, C. & Venturi, G. **Racismo cordial: A mais completa análise sobre preconceito de cor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

MUNIZ, RT. **A afrodescendência em foco: pensando com Cunha Jr**. Araguaína-To: ITPAC, 2007.

Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, (edição reduzida do Médio Dicionário Aurélio / Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988, (6ª ed. 1991)).